

## **Encontro de Dança Contemporânea no teatro TUCARENA**

O objetivo desses encontros é gerar um novo contorno para que seja empenhada a formação de público e a difusão da dança contemporânea, através, não apenas das apresentações, mas de discussões desses temas junto às características do espetáculo.

O espetáculo apresentado no mês de Agosto foi De. Gelo, com a Cia Mauricio de Oliveira e Siameses.

Maurício vem de um fortíssimo passado de balé e, apesar de uma reconstrução em cima de uma desconstrução dessa técnica, é possível notá-la impregnada no corpo do bailarino. E revistando a linguagem da dança clássica, com a idéia de apresentar essa modalidade de dança como que em estado de desintegração, o trabalho visa a dificuldade do homem contemporâneo em aceitar limites, a finitude das coisas e o eventual desaparecimento daquilo que um dia foi.

Utilizando-se de um excesso de informação, de imagens e de referências, como disse uma das bailarinas, a obra é capaz de demonstrar, nas entrelinhas, que dança não é entretenimento, mas um meio de comunicação.

Realizando a proposta do encontro, após a apresentação do espetáculo, aconteceu uma conversa entre o público, os organizadores do evento e os artistas que, nesse dia, se colocaram no palco. Naturalmente, o diálogo entre aqueles tantos que lá estavam tomou um rumo familiar à intenção desse encontro: formação de público, e, é claro, “explicações” do trabalho e discussão de questões maiores da dança contemporânea e do meio em que ela se insere.

As visões se diferenciavam, já que a estrutura curricular de cada um da platéia e dos presentes no palco é diferente, vindos de vidas, rotinas e formações distintas – aparecendo, portanto, essa não similaridade no discurso e no pensamento crítico do entendimento de dança. O mais interessante foi observar como a conversa foi evoluindo, e qual o caminho que foi sendo tomado – percorrendo por assuntos muito discutidos e latentes nos tempos de hoje.

Logo ao engatar numa conversa, saindo do diálogo específico sobre o espetáculo, entramos nos assuntos mais abrangentes da dança, já deixando o espetáculo em segunda mão.

Tudo partiu do assunto sobre como se formar público para essa área das artes. Que público é esse que participa? E como é o tipo de público que se quer? Contudo, independente dessas questões anteriores, uma grandíssima, bela e complexa pergunta se fez: é pela educação que se forma público?

Através dessas questões foi possível constatar o empobrecimento flagrante da atividade cultural, onde hoje em dia temos menos públicos em nossos teatros dentro de temporadas cada vez menores.

Deve-se saber que os governos, durante os últimos anos, adotaram a política da ausência como política cultural, deixando com que o mercado decida o que fazer com os recursos públicos da área cultural.

Essa política faz com que nos individualizemos, no sentido de buscar uma estratégia de sobrevivência, entrando nesse meio solitariamente. E, com isso, um problema só enfatiza o outro, e quanto mais tenta-se sobreviver nesse meio, mais aumenta-se essa política e assim por diante.

Mas, a cultura nas mãos do mercado? Isso implicaria, então, que somos mercadorias, que são vendidas? Sim, o corpo virou mercadoria e, por isso, não é mais visto pelo seu valor, mas pelo seu preço de troca, já que o que move o mundo de trabalho é a mercadoria e seu preço, mostrando, assim, a dissociação do corpo produtor e do produto produzido.

Chega-se, então, à conclusão de que não conseguimos desmanchar essa problemática, e talvez, nem devemos nos propor a isso, porém, é necessário tentarmos ampliar esse mercado.

Agora, como?

**Mariah Rahal Polati**